



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

## **QUEM ENSINA MATEMÁTICA? NOTAS PRELIMINARES SOBRE UMA INVESTIGAÇÃO QUANTIQUALITATIVA EM SALVADOR - BAHIA**

Ângela Maria Freire de Lima e Souza  
*PPGNEIM-UFBA* - <freiredelimaesouza@gmail.com>.

Leopoldina Cachoeira Menezes  
*PPGNEIM-UFBA* – <dinamenezes50@yahoo.com.br>

Márcia Barbosa de Menezes  
*PPGNEIM-UFBA* - <marmom28@gmail.coml>

### **Resumo**

O objeto desta investigação, que se caracteriza pela utilização do gênero como categoria de análise, assim como suas interseccionalidades, é o ensino de Matemática nos Níveis Fundamental, Médio e Profissionalizante da Rede Pública da Bahia, com foco inicial na Cidade do Salvador. Estudos anteriores realizados por pesquisadoras do grupo apontam permanências no campo das representações sociais sobre as mulheres na Matemática, bem como para o fato de que as oportunidades para a dedicação à pesquisa e aos aspectos formativos da carreira são efetivamente reduzidas para as mulheres em relação aos homens docentes, devido a fatores outros como a maior dedicação das mulheres à família, aos filhos, e a um tempo mais livre dos homens para se dedicarem à mesma atividade. Dados preliminares da pesquisa permitem afirmar que, em todo o Estado, as mulheres representam 45% do contingente de docentes de Matemática com formação específica nesta área nos níveis de ensino considerados neste estudo. Neste sentido, o estudo pode contribuir para evidenciar a forte presença feminina no ensino de Matemática e o delineamento do perfil das docentes, além de permitir uma compreensão mais detalhada das dificuldades que as professoras ainda encontram em uma área do conhecimento até o presente associada ao masculino, em função de uma pretensa dificuldade das mulheres no campo cognitivo em relação à racionalidade associada à Matemática.

**Palavras chaves:** Gênero, Matemática, Ensino.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

### Considerações iniciais

Segundo o último Censo Escolar da Educação Básica, divulgado pelo MEC em 2018, mais de 2,2 milhões de professores dão aulas na educação básica brasileira e a grande maioria é formada por mulheres: cerca de 80% dos docentes são do sexo feminino, sendo que, destas, mais da metade possui 40 anos de idade ou mais<sup>1</sup>. Nesse universo, habitam as professoras de Matemática, objeto deste estudo.

Em seu livro *Silenciadas e invisíveis: relações de gênero no cotidiano das aulas de Matemática*, Lindamir Casagrande justifica sua escolha pela temática, especialmente sobre a área de conhecimento central no seu estudo. Além de se colocar como professora de Matemática, a autora discorre um pouco mais sobre sua escolha (CASAGRANDE, 2017, p. 15):

[...] a escolha da Matemática se deu porque seu conteúdo é básico para as carreiras científicas e tecnológicas; é recorrente em conversa com pessoas dos mais diversos

níveis de escolaridade a ocorrência de manifestações de desagrado com relação a esta disciplina; e no senso comum, há a representação de que esta é a disciplina que os/as estudantes apresentam mais dificuldade de aprendizagem e menor rendimento. No senso comum tem-se ainda a ideia de que há diferença de gênero no que tange ao rendimento escolar em Matemática.. As meninas teriam mais dificuldade e consequentemente apresentariam menor rendimento do que os meninos.

Podemos dizer que as motivações para este estudo são muito parecidas. Há alguns anos, nós nos temos debruçado sobre a intrigante relação entre a Matemática, como um campo de conhecimento marcado pelo androcentrismo, e as mulheres, sempre presentes na história da construção desta área de conhecimento, mas frequentemente invisibilizadas. Também nos interessa a manutenção de representações sociais eivadas de preconceito quanto a um suposto déficit cognitivo das mulheres para os altos níveis de abstração considerados essenciais para o raciocínio matemático.

No entanto, o que vemos no cotidiano é a

<sup>1</sup> Disponível em: < [drive.google.com/file/d/1diB1miZTKvuVByb9oXIXJgWbIW3xLL\\_f/view](https://drive.google.com/file/d/1diB1miZTKvuVByb9oXIXJgWbIW3xLL_f/view) >. Acesso em: 8 set. 2018.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

presença feminina cada vez mais forte na área, especialmente no ensino da Matemática nos diferentes níveis escolares, o que nos leva a algumas questões: como é possível que ainda seja recorrente a ideia de que as mulheres não sejam boas o suficiente para se dedicar à Matemática? Que tipo de informação e representações simbólicas estão associadas a esta crença tão arraigada? Como estão representadas as mulheres no ensino da Matemática, nos diferentes níveis de ensino? O que pensam essas professoras sobre sua relação com a Matemática? Que dificuldades enfrentam? Que estratégias utilizam para superar as dificuldades?

Este artigo reporta os dados preliminares desta pesquisa, que pretende construir um quadro panorâmico quantitativo e qualitativo, na perspectiva dos Estudos de Gênero, sobre as mulheres professoras de Matemática na Cidade do Salvador, Bahia.

### **Uma breve contextualização**

As atuais investidas contra as discussões de gênero nos meios educacionais caracterizam-se por uma sutil tentativa de manutenção das normas patriarcais em nossa sociedade. Calar a voz dos Estudos de Gênero favorece a reprodução das desigualdades sociais e o

desrespeito às diversidades em todas as suas formas.

Particularmente pensando no Campo da Matemática, a não discussão das relações de gênero mantém a pretensa ideia de ‘que as meninas não são boas em matemática’ devido a uma biologia inapropriada. Como nos diz Ruth Hubbard (1993, p.24), pesquisadores da neurociência “tentam provar [...] que as mulheres são por natureza [...] piores que os homens em matemática”.

Essa “natureza” feminina, pretensamente mais voltada ao emotivo e ao maternal, é difundida pelas Representações Sociais na construção das identidades de homens e mulheres. O pesquisador Pierre Bourdieu (2009, p. 33) deixa evidente essa construção quando fala sobre as sutilezas da violência simbólica na formação das identidades: “o trabalho de construção simbólica [...] tende a excluir do universo do pensável e do factível tudo que caracteriza pertencer ao outro gênero para produzir este artefato social que é um homem viril ou uma mulher feminina”. Esse é um peso determinante na trajetória de vida de homens e mulheres. As marcas do masculino e do feminino imprimem em suas mentes e corpos a ideia de que a



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

‘Biologia e seu destino’.

Pesquisadoras/Estudiosas feministas sinalizam que a biologia não determina habilidades cognitivas, mas apenas constitui a base biológica sobre a qual as experiências vividas e os estímulos a que meninas e meninos são submetidos durante toda a vida atuam, construindo-a dinamicamente, associando a biologia e o meio social.

Nesse sentido, reforçamos a necessidade de que os currículos educacionais contemplem os estudos de gênero como relação social, pois, com a ausência destes, “não se é capaz de perceber os diferentes poderes detidos-sofridos por homens e mulheres” (SAFFIOTI, 1992, p. 193).

Particularmente, ao se falar de Gênero e Matemática, ainda parece haver uma desconexão, uma difícil articulação de ideias, isso porque não podemos esquecer que o universo do saber, o universo da Ciência Moderna mantém a herança do patriarcado. Herança que constituiu o saber matemático baseado na abstração, no pensamento lógico, racional, objetivo, como elementos primordiais às/aos aspirantes aos campos das ciências consideradas ‘duras’. Mas essas características, não ingenuamente, se configuraram como inatas

apenas aos homens, refletindo assim os mitos construídos pela ciência para conservar sua hegemonia masculina.

Infelizmente, ainda se ouvem e se leem algumas referências altamente preconceituosas relacionadas principalmente às aptidões, ao empenho, à capacidade das mulheres em vários campos do conhecimento, particularmente em relação a sua capacidade matemática. Ainda convivemos, em pleno século XXI, com o pensamento machista de alguns seres pretensamente “superiores” e “repletos de razão” que, no passado ou no presente, proferiram ou proferem frases como:

Um pesquisador, tentando estabelecer crenças cognitivas entre os sexos, diz: ‘existe um paralelismo entre ensinar matemática às mulheres e dar lições de voo às tartarugas’’. (Apud FAUSTO-STERLING, 2006, p.173).

“Diferenças biológicas entre os sexos garantem o sucesso dos homens no mundo das ciências exatas. Já as mulheres não são geneticamente aptas para a matemática”. (Lawrence Summers, reitor de Harvard, apud HOMENS..., 2005).



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Reescrever essas aberrações, ao mesmo tempo em que incomoda, é importante para chamar atenção, principalmente das mulheres que estudam Matemática, que se dedicam a essa ciência, que se empenham em realizar um bom ensino e uma boa pesquisa, de que precisamos enfrentar esses estereótipos, expandir essa discussão para além dos muros acadêmicos, buscar as respostas e os caminhos para a transformação dessas concepções, especialmente em função da formação de meninas e jovens mulheres ainda submetidas aos efeitos desta forma de pensar.

Precisamos enfatizar o que nos diz Anne Fausto-Sterling (2001/02, p.16):

Se as meninas não podiam aprender Matemática tão facilmente quanto os meninos, o problema não estava em seus cérebros. A dificuldade ocorria das normas de gênero – expectativas e oportunidades diferentes em relação a meninos e meninas.

Acreditamos que os cursos de Licenciatura em Matemática precisam adotar, em seus currículos, as questões das interseccionalidades de gênero, classe social, cor, orientação sexual, de forma a ampliar as discussões, buscando

mostrar que os estereótipos são construções culturais e históricas impostas pela sociedade.

### **Preconceitos e permanências**

Em estudos realizados por Ângela Freire e Márcia Menezes (2012, 2013), as autoras apontam para a permanência de estereótipos no campo das representações sociais sobre as mulheres na Matemática.

Inicialmente, mostram que muitos desses estereótipos demarcam comportamentos e trajetórias de vida que incluem as escolhas profissionais e até mesmo os avanços alcançados dentro da profissão.

Ao analisar o ingresso de alunas/os através do vestibular, numa Universidade de Salvador, durante o período de dez anos, as autoras observaram que as escolhas profissionais entre homens e mulheres continuam marcadamente sendo influenciadas pelas assimetrias de gênero.

Observando o ingresso de candidatas/os aos cursos da área I (Ciências Exatas e da Terra), ao longo de 10 anos, os dados obtidos apontaram que, apesar de essa área apresentar um aumento no número de mulheres, durante todo o período



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

analisado, a inserção dos homens nestes cursos ainda é majoritária. Especificamente nas Engenharias, as mulheres não ultrapassaram a faixa dos 40%.

No curso de Matemática, houve um considerável aumento, que se vem mantendo constante, passando de 25% e atingindo 47%. Essa tendência de aumento aparentemente contraria as expectativas das representações sociais sobre a inadequação das mulheres para o pensamento matemático. No entanto, é importante ter em mente que o curso tem duas habilitações: Licenciatura e Bacharelado. As mulheres podem estar interessadas no exercício da profissão docente, o que corresponde à expectativa social de profissionalização feminina. Uma investigação futura junto aos discentes do curso deve apontar para as escolhas de homens e mulheres em relação às duas habilitações, sendo interessante ouvir depoimentos que apresentem as razões para essas escolhas.

Esses dados corroboram o que afirmam Melo e Oliveira (2006, p.318):

[...] mulheres e homens não fazem a mesma trajetória do ponto de vista das carreiras científicas. O sexo feminino ainda permanece marcado pelo estereótipo do papel dos “cuidados”, escolhem as áreas vinculadas à educação, saúde e a assistência social.

No caso particular da Matemática, esse aumento considerável de mulheres no curso de graduação em Salvador é coerente com os dados que este estudo obteve junto à Secretaria de Educação, que apontam, em todo o Estado da Bahia, o contingente de 45% de docentes mulheres no Ensino Fundamental e no Médio<sup>2</sup>. Portanto, podemos também inferir que a suspeita em relação ao aumento do número de mulheres nos cursos de graduação em Matemática esteja vinculada à habilitação em Licenciatura, proporcionando uma maior participação das mulheres na docência matemática em nosso Estado.

A participação das mulheres estudando e trabalhando com a Matemática contradiz outro preconceito divulgado pelo neurologista P. J. Mobius quando falava que: “a matemática, que expressa exatidão e clareza masculina, está em oposição natural tanto à condição feminina como ao

<sup>2</sup> Dados fornecidos pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

amor” (apud SCHIENBINGER, 2001, p.315). De acordo com Mobius, “o amor” seria uma característica estereotipada apenas como feminina e, portanto, alheia àqueles que lidam com a Matemática. Os trabalhos realizados pelas autoras demonstram o contrário, pois docentes matemáticas revelam a grande paixão por essa ciência repleta de números, letras, símbolos, equações, expressões, demonstrações que as fascinam e transformam a Matemática no campo do amor feminino.

*Para mim a matemática é algo maravilhoso. **Eu amo a Matemática.** Eu acho muito interessante investigar os resultados, ver as demonstrações, estudar os porquês, conseguir provar determinados problemas por caminhos diferentes; [...] Para mim a matemática é perfeita. [...] paciência, determinação, criatividade, saber arriscar para convencer sobre o que vai acontecer, jogar as ideias, não ter medo de arriscar.*

*Para mim a Matemática é uma ciência completa e perfeita. Se você ama a Matemática, você vai trabalhar as habilidades: **raciocínio lógico, indução, criatividade, determinação, etc., e vai conseguir chegar lá. Amar a Matemática, isto basta.***

O fascínio, a emoção, a paixão e o amor das mulheres pela Matemática ficaram evidenciados, contradizendo mais um modelo estereotipado que vigora no imaginário do senso comum de que é preciso “esconder” as

emoções, as subjetividades no fazer profissional das pessoas.

As emoções não são mais básicas que a observação, a razão ou a ação para a construção da teoria, mas também não são menos importantes. Cada uma dessas faculdades reflete um aspecto do conhecimento humano, inseparável dos outros.

[...] Emoções podem ser úteis e mesmo necessárias ao invés de prejudiciais à construção do conhecimento. (JAGGAR, 1997, p.159; 180).

As falas das mulheres aqui tratadas demonstraram que tanto os aspectos subjetivos como os objetivos foram aflorados na construção dos seus conhecimentos matemáticos.

### **Gênero, carreira docente e formação.**

A análise das carreiras de professoras de Matemática vai nos conduzir às suas narrativas sobre as conquistas e também sobre as dificuldades que enfrentam. Uma das categorias que nos interessam neste estudo é a questão da formação continuada dessas professoras, considerando a



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

importância da disponibilidade de oportunidades e de condições para continuar estudando e se aperfeiçoando.

Em um interessante trabalho realizado no contexto de uma universidade pública, esta questão apareceu de modo contundente. Na pesquisa de doutorado realizada por Leopoldina Menezes (2016), a autora observou que as oportunidades para a dedicação às pesquisas e os aspectos formativos da carreira são efetivamente reduzidos para as mulheres, em relação aos homens. A autora destaca que um fato determinante para a vida acadêmica das professoras de um determinado departamento, nos anos finais do século passado, foi o pouco investimento em cursos de pós-graduação devido às dificuldades associadas ao deslocamento para outro Estado, o que, em muitas situações, torna-se difícil para as mulheres, pelo confronto com a vida pessoal e familiar, considerando-se também os custos de um curso de pós-graduação em local fora do domicílio da docente. A opção de uma carreira acadêmica privilegiada com curso de doutorado em Matemática era real apenas para aquelas que preferiram a “prorrogação” do casamento ou que dispunham de condições financeiras para esse afastamento. Neste caso aparece com clareza a

interseccionalidade de classe e gênero.

Nesse estudo, as entrevistadas mestras relataram muitos obstáculos para realizar o doutorado e algumas acabaram por se contentar com o mestrado, que tem por objetivo promover a competência científica, contribuindo para a formação de docentes e pesquisadores.

Assim, foi possível observar a prioridade pela família, por exemplo, na fala de uma das docentes entrevistadas (*Marília*):

*Fiquei realmente empenhada no estudo da Matemática [...] me empenhei para fazer o mestrado [...] e sempre meu objetivo foi progredir nos estudos, mas devido a minha condição de estar casada e com filhas, realmente não tive coragem para sair para levar minhas filhas pequenas para outro Estado sem uma estrutura. Então, eu realmente priorizei a minha família, continuei trabalhando, mas em relação ao doutorado a família falou mais alto realmente. Só depois com elas maiores que eu decidir fazê-lo realmente.* (MENEZES, 2016, p.177).

*Elsa* também priorizou a família:

*Você como mulher acaba assumindo muito a criação dos filhos e, no meu caso, como financeiramente não era possível abrir*





**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

*mão do salário do marido para fazer o doutorado, a gente pensou em ele pedir uma licença para eu fazer o doutorado, mas não compensava, mesmo com a bolsa. Então, isso fez a diferença. Acaba então nos encargos sociais que acaba tendo. E no meu caso foi muito em função disso. E eu acabei optando por não ir sozinha. (MENEZES, 2016, p.177).*

Para Maria a família também foi o principal foco de atenção:

*[...] olhando a minha vida como um todo, eu tenho um pai, uma mãe e uma avó idosos que dependem muito de mim, então eu gasto muito tempo da minha vida com eles, eu não quis investir hoje um tempo nisso. Para voltar à Matemática Pura de novo durante tantos anos – eu tenho uma avó com 99 anos, uma mãe com 77 e um pai com 80 – eu teria pouco tempo com eles nesse momento. E tinha uma filha pequena. [...], então, na hora de optar, eu optei em ficar mais tempo com família, filha, pais, do que estudar. Vontade eu tive, mas não priorizei. (MENEZES, 2016, p.177).*

Assim como as acadêmicas, as docentes do ensino fundamental e médio, na busca da conciliação entre carreira e maternidade, vivenciam conflitos ao incorporar o discurso da produtividade,

do sucesso na carreira, da dedicação idêntica à dos colegas homens e a extenuante jornada de trabalho inerente à carreira docente aos seus encargos familiares.

Outro aspecto referente à formação de docentes de Matemática está relacionado aos desvios que ocorrem no ensino desta disciplina. Falando inicialmente de maneira informal, pois os dados completos ainda não foram disponibilizados pela Secretaria de Educação, sabemos que, em sala de aula, há um número considerável de docentes que não possuem formação em Licenciatura em Matemática. Profissionais da área de Física, Licenciatura em Ciências Naturais, Engenharias, e até mesmo profissionais de áreas distantes da Matemática acabam assumindo a disciplina mesmo não tendo em seus currículos as disciplinas relacionadas à didática da Matemática. Como forma de minimizar esses desvios, o governo tem oferecido aos docentes sem formação cursos de graduação em licenciatura em Matemática, a exemplo do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor), que é uma ação da Capes que visa induzir e fomentar a oferta de educação superior, gratuita e de qualidade, para profissionais do magistério que



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas

estejam no exercício da docência na rede pública de educação básica e que não possuem a formação específica na área em que atuam em sala de aula.

O fenômeno do desvio de formação não é uma exclusividade da Matemática. Entre os números das estatísticas do Inep, apresentados na divulgação do último Censo (2018), o percentual de professores com formação mais adequada para língua estrangeira nas turmas dos anos iniciais do fundamental foi o mais baixo entre todas as disciplinas: apenas 42% estão devidamente preparados. O melhor resultado do indicador é para Educação Física (69,8%). Segundo o Indicador de Adequação da Formação Docente, quanto aos anos finais do ensino fundamental, o pior resultado se dá para a disciplina de Artes, em que apenas 31,5% dos docentes possuem a formação adequada para ensinar a matéria. O melhor resultado é observado em Língua Portuguesa: 62,5% dos professores possuem a formação mais adequada. Os melhores resultados do indicador de formação são observados para as disciplinas Biologia, Língua Portuguesa, Educação Física, Matemática e Geografia, com percentuais acima de 70%.

Ainda assim, são números preocupantes, embora bem melhores do que aqueles observados já no século

XXI, quando do lançamento do Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica, cuja intenção era formar, em cinco anos, 330 mil professores que atuariam na Educação Básica e ainda não eram graduados. De acordo com o Educacenso de 2007, cerca de 600 mil professores em exercício na educação básica pública não possuíam à época a graduação ou atuavam em áreas diferentes das licenciaturas em que se formaram.

### Dados quantitativos preliminares

Fazendo o recorte da Cidade do Salvador, o percentual de professoras de matemática na rede pública de ensino é de 47,58%.

Alguns dados iniciais da pesquisa podem ser observados na Tabela 1 a seguir.

Tabela 1 – Quantitativo de docentes de Matemática por modalidade e sexo no Município de Salvador

MODALIDADE	F	%	M	%	TOTAL
Médio	48	48,98	50	51,02	98
Médio/Profis.	25	49	26	51	51
Profissional	14	28	36	72	50
Fund./Médio/Prof.	52	55,9	41	44,1	93
Fund./Médio	231	44,77	285	55,23	516
Fundamental	61	61,61	38	38,38	99
Educ. Especial	1	100			1
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>432</b>	<b>47,58</b>	<b>476</b>	<b>52,42</b>	<b>908</b>

Dados fornecidos pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia (2018).

Ao analisarmos o ensino fundamental, verificamos que as mulheres predominam; elas correspondem a 61,6% do efetivo



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

docente. Uma observação deve ser pontuada, esses dados fornecidos pela Secretaria de Educação correspondem aos números de docentes por escolas, ou seja, nas escolas com a modalidade de Ensino Fundamental/ Médio/Profissional, Fundamental/Médio e Médio/Profissional, os números apresentados não correspondem à situação da classe onde a(o) docente atua. Podemos inferir que o percentual de mulheres no Ensino Fundamental seja maior do que 61,6%. O que estaria, conforme já pontuado anteriormente, mantendo a relação da feminilização da carreira de ensino.

Em relação às escolas com ensino apenas profissionalizante, o número de mulheres ainda se mantém bem menor que o número de homens. Apenas 28% das mulheres atuam na docência de nível profissionalizante. O que estaria afastando as mulheres deste nicho? Podemos inferir que os condicionantes de gênero podem estar atuando. Dados qualitativos, advindos da escuta das professoras, darão mais consistência à análise.

Um dado importante se relaciona com a Educação Especial. Infelizmente, a educação inclusiva ainda se mantém “cega” às exigências das muitas pessoas que precisam ser instruídas.

Nossa formação não nos prepara para esta realidade. Novamente, reiteramos a questão da importância dos nossos currículos nos cursos de graduação. Como atuar no ensino de Educação Especial sem preparação? Essa realidade está bem clara na Tabela. Apenas uma docente atua nessa área, número sobre o qual devemos refletir. Mais uma vez, apesar de ser um número ínfimo (1), essa participação é de uma mulher, mantendo a relação da mulher no cuidado com o outro.

Os dados inseridos, porém, se referem ao início da pesquisa. Temos a intenção de analisar o quantitativo de docentes de Matemática da rede pública estadual de ensino da Bahia em 2018 por formação, utilizando também entrevistas com as professoras dessa disciplina.

### **Conclusão**

As identidades de gênero construídas e impostas ao redor tanto dos homens quanto das mulheres são evidentes no domínio das realizações e avanços profissionais. Porém muitos dos estereótipos de gênero que delimitam barreiras vivenciadas pelas mulheres na vida cotidiana e no seu fazer científico, aparentemente imperceptíveis, estão silenciosamente infiltradas nas raízes do ser mulher e determinando sua forma de



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

ser, viver e se realizar.

Transformações urgentes nos papéis de gênero precisam ocorrer, particularmente nos papéis relacionados ao exercício da Matemática – objetividade, raciocínio lógico, indução, criatividade, determinação, entre outras características impostas ao bom desenvolvimento das atividades – vista como carreira masculina, para que haja um maior incentivo às crianças e às jovens mulheres a ingressarem nesta área, a fim de realizarem, neste domínio, sua afirmação como sujeitos do conhecimento e contribuindo de modo original para uma nova maneira de ensinar, pesquisar e fazer ciência.

É necessário que, nas salas de aula, as/os docentes trabalhem com currículos livres das “cegueiras de gênero”, ajudando a construir homens e mulheres com capacidade de se inserir na vida profissional em qualquer área.

]

### Referências

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 6.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

CASAGRANDE, Lindamir S. **Silenciadas e**

**invisíveis**: relações de gênero no cotidiano das aulas de Matemática. Curitiba: CRV, 2017.

FAUSTO-STERLING, Anne. **Cuerpos sexuados**: la política de género y la construcción de la sexualidad. Barcelona, España: Editorial Melusina, 2006.

\_\_\_\_\_. Dualismo em duelo. **Cadernos Pagu**, Campinas: Unicamp, n. 17/18, p. 9-79, 2001/02.

HOMENS no raio X. *Revista Cláudia*, 2005.

HUBBARD, Ruth. Algumas ideias sobre a masculinidade das Ciências Naturais. In: GERGEN, Mary McC. **O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília: Editora da UnB, 1993; p. 21-36.

JAGGAR, Alison M. Amor e Conhecimento: a emoção na epistemologia feminista. In: JAGGAR, A. M.; BORDO, S. R. (Ed.). **Gênero, Corpo, Conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. p. 157-185.

MELO, Hildete P. de; OLIVEIRA, André B. A produção científica brasileira no feminino. **Cadernos Pagu**, n.27, p. 301-331, 2006.

MENEZES, Leopoldina Cachoeira. **Gênero, ensino e pesquisa em Matemática**. 2016. 211f. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres Gênero e Feminismos)-NEIM/UFBA, Salvador, 2016.

MENEZES, Márcia B.; LIMA E SOUZA, Ângela M. F. de. Gênero e Matemática na mesma equação: possíveis implicações nas escolhas profissionais. In: REDOR, 17., 2012, Paraíba. *Anais...* Paraíba: UFPB, 2012. p.700-715. Disponível em: <

[www.redor2018.sinteseeventos.com.br](http://www.redor2018.sinteseeventos.com.br)



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

[www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/.../239](http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/.../239)>.

\_\_\_\_\_ Matemática: substantivo feminino, singular. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10., 2013, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em:<[www.fg2013.wvc2017.eventos.dype](http://www.fg2013.wvc2017.eventos.dype).

**Uma questão de gênero.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 183-215.

SCHIEBINGER, Londa. **O Feminismo mudou a ciência?** Trad. Raul Fiker. São Paulo: EDUSC, 2001.

[com.br/.../1371665601\\_ARQUIVO\\_formulario...>](http://com.br/.../1371665601_ARQUIVO_formulario...).

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando Gênero e Classe Social. In: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (Org.).